

**João Antônio – o escritor em formação em
*Malagueta, Perus e Bacanaço***

Guacira Marcondes Machado

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-4410-1618>

E-mail: guacira.marcondes@unesp.br

Resumo: No início do século XX, assiste-se no país a um êxodo rural que aumenta os problemas das cidades. Tudo isso se oferece como tema de inspiração para o mundo literário, o qual busca dar a conhecer as injustiças e a falta de interesse dispensada àquela parcela da população pobre, formada por classes populares marginalizadas, oriunda desse êxodo rural para as cidades. João Antônio (1937-1996) será conhecido mais tarde, após a publicação de seu primeiro livro, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), entre os escritores ditos periféricos, e objetiva assumir a fala, a produção de seu próprio discurso, em tom confessional, que desenvolveu tendo nascido na periferia de São Paulo, em Presidente Altino. Neste escrito, analisamos um dos contos do primeiro livro, premiado, *Malagueta*, intitulado “Busca”, no qual apontaremos em um texto curto, João Antônio utilizando os procedimentos de um gênero híbrido, denominado *récit poétique* [narrativa poética] pelo autor francês Jean-Yves Tadié, no qual reconhecemos o projeto de criação literária em formação nesse momento inicial da produção de seu discurso, em tom confessional, que permanecerá uma de suas marcas.

Palavras-chave: João Antônio; “Busca”; Narrativa poética; Conto poético.

João Antônio – the emerging writer in *Malagueta, Perus and Bacanaço*

Abstract: At the beginning of the 20th century, the country witnessed a rural exodus that increased the problems of the cities. All of this served as a source of inspiration for the literary world, which sought to raise awareness of the injustices and lack of interest shown to that portion of the poor population, made up of marginalized working classes, who were the result of this rural exodus to the cities. João Antônio (1937-1996) would later become known, after the publication of his first book, *Malagueta, Perus and Bacanaço* (1963), among the so-called peripheral writers, and aimed to take on the role of speaking, producing his own discourse, in a confessional tone, which he developed after being born in the outskirts of São Paulo, in Presidente Altino. In this paper, we analyze one of the short stories from the award-winning first book, *Malagueta*, entitled “Busca” (Search). In a brief text, we will pinpoint how João Antônio uses the procedures of a hybrid genre, called *récit poétique* [poetic narrative] by the French author Jean-Yves Tadié, from which we recognize the project of literary creation emerging at this initial moment of the production of his discourse, in a confessional tone that will remain one of his traits.

Keywords: João Antônio; “Busca”; Poetic narrative; Poetic short story.

Texto recebido em: 15/03/2024

Texto aprovado em: 14/06/2024

João Antônio (1937-1996) publicou em 1963 sua primeira obra literária, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, coletânea de contos, premiada duas vezes com o Jabuti, na qual revela querer transfigurar, como autor literário em formação, a experiência que vive, buscando nela exprimir com autenticidade o povo brasileiro pobre, solidário, mas ainda não miserável. Enquanto escritor de periferia, desde o início, objetiva assumir a fala, a produção de seu próprio discurso e de seus moradores, seus trabalhadores de que fez parte inicialmente: a arte desse escritor, arte testemunhal, portanto, não necessita de intelectual mediador: “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.” (Ferrez, 2005, p. 9).

Como encontramos nos textos de autores que se dedicaram a sua obra, *Malagueta* ocupa um lugar bem definido no desenvolvimento da literatura brasileira, pois veio mostrar um estado de mutação da sociedade, na metade do século XX, mas que ainda não vivia o processo de desfazimento dos laços sociais que existiam desde, pelo menos, o início desse século. É um livro que, a par de testemunhar, de contar a história de seu ponto de vista, traz nas entrelinhas a confissão do desejo de criação, que não pode se ocultar daquele que está compartilhando o desejo, a origem ou o nascimento, o fazer-se de um escritor. Em seu início, João Antônio entendeu com humildade a condição artística que é a de, como diz em entrevista a Flavio Aguiar (1975), ver o universo no particular. Em seu caso, ver que a literatura não pode esquecer-se do que consiste a vida social e o comportamento do povo brasileiro – o particular – daquele momento. O povo brasileiro, isto é, que é pobre, sofrido, manipulado “mas que assume uma posição de coragem e de decência” que logo não será tão visível assim.

Outros verão que, como escritores em parte seus contemporâneos, Norman Mailer, Truman Capote, João Antônio gosta de tirar assuntos de seus livros do cotidiano, das ruas. Os três ocupam uma área fronteira entre jornalismo e literatura. Não há em João Antônio visão exterior ao povo, sua abordagem é de dentro, o que confere a sua obra o selo da autenticidade. Ao procurar abordar o conto de *Malagueta* escrito há 60 anos, que se celebra neste ano de 2023, lembramo-nos de que João Antônio tinha apenas 26 anos e era, ainda, um escritor em formação, distinto daquele que se tornaria alguns anos mais tarde, contando também com a carreira de jornalista, a que se dedicaria com sucesso nos jornais e revistas brasileiros. Em artigo publicado no Suplemento Cultura do jornal *O Estado*

de S. Paulo, em 24 de agosto de 1996, o saudoso professor João Alexandre Barbosa, comentando o texto “Ajuda-me a sofrer”, de João Antônio, fala da dificuldade para o escritor de atingir a autenticidade, pois ela se dá nos intervalos entre o lúcido e o lúdico, que é a obra de arte da linguagem.

Foi pensando nisso que decidimos abordar um conto de João Antônio partindo, inicialmente, do texto como linguagem, para encontrar nele, na forma escolhida pelo autor para o relatar, o caminho para chegar em seu mistério.

A narrativa poética em alguns contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*

A leitura de alguns contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* aproxima-nos, sem esforço, da forma da narrativa poética, na qual se encontra a ficção que contém uma história contada por um narrador, que detém seu controle, com personagens e acontecimentos se desenrolando em determinados lugares e tempos, mas usando procedimentos que recorrem também ao poema. O autor francês Jean-Yves Tadié (1978) tem obra sobre esse gênero híbrido - *Le récit poétique* - que lembraremos um pouco aqui ao fazer uma leitura analítica do conto “Busca”, da parte inicial dessa obra de João Antônio, “Contos gerais”.

Em sua obra, Tadié menciona inicialmente o texto “moderno” que vai abolindo a velha distinção entre prosa e poesia, a qual se tornou menos nítida. O que é uma narrativa? pergunta ele e responde que se trata de uma relação de acontecimentos que se conta e que se liga. Em todos os gêneros literários e em toda forma de expressão há narrativa. Limitamo-nos aos livros onde tudo está tão bem subordinado à narrativa que os chamamos assim e não romance. Nem a complexidade dos personagens, nem a densidade da duração a interessam, mas o que ela sacrifica, o que não consegue exprimir é compensado por outras aquisições: o racional, o encadeamento trágico, a poesia. Tadié observa ainda que a narrativa poética em prosa é a forma da narrativa que pede ao poema seus meios de ação e seus efeitos, de modo que sua análise utiliza as técnicas de descrição do romance e do poema. Os críticos propõem um modelo ou teoria que será então confirmado ou não pelo estudo do texto: a narrativa conserva a ficção de um romance, personagens aos quais acontece uma história em um ou vários lugares; mas, ao mesmo tempo, procedimentos de narração remetem ao poema: há aí um conflito constante entre a função referencial, com seu papel de evocação e de representação,

e a função poética, que chama a atenção para a forma da mensagem (1978, p. 7-8). Tendo em vista esses elementos essenciais da narrativa poética, iremos proceder à leitura de um conto de João Antônio, para verificar se podemos nele identificar os traços de um texto híbrido, de acordo com o que encontramos no estudo de Tadié.

Em “Busca”, conto que iremos examinar, o título sugestivo faz o leitor ficar à espera de seu objeto. A leitura do trecho inicial revela que a história é narrada em primeira pessoa, forma que é comum na narrativa ou conto poético. Há um breve diálogo entre mãe e filho, um relato rápido de frases curtas nas quais uma informação é dada de maneira bem próxima à língua oral: “-Vicente, olha a galinha na rua! / Abri o portão, a galinha para dentro (...) / Derramei, fiquei olhando a água no cimento. Aquilo estava precisando de uma escova forte. Começo de limo nas paredes. Sujeira.” (Antônio, 2020, p. 11). As frases curtas sequenciais são o pensamento do narrador, enquanto conduz a cena.

O narrador segue introspectivo, continuando o discurso interiorizado. A uma observação da mãe, ele vai pensando: “Que sol, que nada... Queria sair. Um domingo tão chato! Depois do almoço, as coisas ficam paradas, sem graça.” (Antônio, 2020, p. 11). E os pensamentos vão indo de um assunto a outro: “Mamãe não precisava lavar roupa aos domingos. Eu lhe digo. Bobagem. Ela nem responde, os olhos no chão. Bota um sorriso na boca, agradecendo, como se eu estivesse elogiando.” (Antônio, 2020, p. 11).

A narrativa continua dando lugar à ação, agora, em resposta às coisas paradas, “sem graça”: “Andando. Um ar quente me batendo na cara”. (Antônio, 2020, p. 11). A sequência de gerúndios resume a ação exterior, enquanto o pensamento se desenvolve e revela suas posições sobre as pessoas em quem pensa: “Atravessei a ponte. Tinha trocados no bolso, me enfiaria num trem, acabaria na estação Júlio Prestes. Daniel com a televisão e Lídia com costuras... Eu queria andar.” (Antônio, 2020, p. 11-12). Mania que ganhara após a morte do pai. “Andar. Quando venho do serviço, num domingo, férias, a vontade aparece. O velho, quando vivo, fazia passeios a Santos, uma porção de coisas. Bom. A gente se divertia, a semana começava menos pesada, menos comprida, não sei. Às vezes, penso que poderia recomençar os passeios.” (Antônio, 2020, p. 12). Percebemos que, ao atravessar a ponte, ele inicia a “busca”, que para ser feita precisa que Vicente ande, se movimente.

Neste ponto da leitura, já temos alguns dados interessantes sobre o conto, recorrendo ao conceito de narrativa poética: verificamos que o narrador em primeira pessoa, chamado Vicente, tem o controle dos fatos da narrativa, de que é também o protagonista, e só faz saber ao leitor algumas coisas que quer dar-lhe a conhecer. E é possível observar que as informações dizem respeito a ele próprio: sobre sua mãe, que ele não quer que lave roupa aos domingos, que quer sugerir-lhe namoros que ele não aprova; sobre o fato de preferir andar a ficar vendo televisão com os amigos. Neste domingo à tarde, está já fazendo longa caminhada por S. Paulo. A tudo ele prefere andar, caminhar longamente pelas ruas das periferias. Afinal, tudo o que é informado ao leitor ajuda a apontar algumas características do narrador-protagonista, apenas aquelas que ele quer confessar. Como esta menção que fez aos “lados da City, tão diferentes” e, sobretudo, que lhe “davam uma tristeza leve.” (Antônio, 2020, p. 12).

Seria conveniente fazer aqui uma observação para os leitores contemporâneos: tratou-se de uma companhia inglesa, fundada em Londres em 1911. Numa época em que S. Paulo era quase uma aldeia, ela comprou 15 milhões de metros quadrados de terra que pouco valia. Com urbanistas ingleses de primeiro nível, a companhia desenhou e desenvolveu bairros fundamentais de São Paulo, como Jardim América, Jardim Europa, Butantã, Pacaembu, Alto da Lapa. Os arquitetos ingleses partiram para traçados desses bairros que não se usavam no Brasil, de ruas sinuosas e curvas com pracinhas e recuos irregulares, criando as melhores áreas verdes da região central de São Paulo. Ao falar da tristeza leve que sentiu ao ir para esses lados (da City) ele apenas os caracteriza como “tão diferentes”, e equipara essa tristeza a coisas bem distintas – ter fome, não beber, dores de cotovelo, saudade, letras tristes de música. São reações quase que apenas fisiológicas. Talvez pudéssemos pensar em algo comum a todas “essas coisas”, como as chama: um *estranhamento* muito grande em relação aos bairros, casas, ruas, hábitos a que sempre esteve acostumado (como quando observa “garotas novinhas, calças compridas passaram-me em bicicletas”) lá onde nasceu e viveu. Podemos, também, perceber que é a primeira vez que faz menção a um traço social e, à sua maneira, faz uma crítica a essa sociedade que habita esses novos bairros.

Constatamos que se trata de uma narrativa que não se alonga em acontecimentos e que se faz, de fato, com o intuito de fazê-los contribuir com informações sobre o narrador-protagonista. Aliás, pouco se ficará sabendo sobre

todos os personagens, mesmo o protagonista, pois parecem apenas preencher uma função dentro da narrativa. Como o espaço e os lugares que vão surgindo enquanto o protagonista anda: trata-se, sobretudo, de lugares abertos, de ruas que, além disso, são determinantes para a caracterização do protagonista. Ele é atraído por esse espaço, que sente agir sobre ele com a força de um personagem estranho. Quanto ao tempo, também foi possível perceber que alterna a ação no presente da narrativa com a menção a fatos passados, rapidamente evocados.

Acrescentando ainda à construção do conto, também é possível observar que a linguagem do narrador se destaca desde o início da narrativa: frases curtas, utilizando com frequência a enumeração nas frases mais longas, a guisa de descrição e, também, sinônimos, como se procurasse a palavra exata. São todos procedimentos que criam um ritmo entrecortado, muito mais próximo da linguagem poética.

Dando continuidade à leitura, encontramos menção a outro conhecido, personagem que merecerá atenção rápida do narrador, o Luís, que mora na Lapa, onde ele poderia ir tomar café: “Vive me convidando. Sujeito diferente. Meteu-se com estudos à noite, esforça-se” (Antônio, 2020, p. 12). Ao mencionar Luís, ele aproveita para acrescentar dados sobre sua própria vida: “Lá na oficina me fazem uma adulação nojenta, porque sou chefe da solda. Ora, desde menino nesta ocupação, é claro que entendo da coisa. Por isso certos fulanos se encostam, agrados para pedir isto e aquilo. Mas Luís é ótimo, não adula. Só abre a boca para coisa aproveitável. Se os tipos que me fazem adulação soubessem como são parecidos com cachorro quando quer comida...” (Antônio, 2020, p. 12). Lembramos aqui da observação de João Alexandre Barbosa: trecho em que o ficcionista João Antônio assume “as rédeas da narrativa em explosões de inconformismo e revolta.” (1996, p. 15). E mais uma vez o narrador menciona possíveis personagens, mas para falar de si, na verdade. O leitor vai conhecendo mais intimamente o protagonista, que é a figura central do relato, enquanto os outros mencionados são apenas figuras de linguagem, praticamente sem conteúdo psicológico ou social, que cumprem a função de destacar o personagem central, que são apenas sua sombra.

Ao continuar a andar, Vicente faz uma escolha no espaço: “Entrei por uma rua que não conhecia. Olhava para tudo.” (e, aqui, as enumerações descritivas esperadas aceleram a narrativa, dão-lhe ritmo poético: “Jardins, flores, mangueiras esquecidas na grama, gente de pijama estendida nas espreguiçadeiras.” (Antônio,

2020, p. 12). Entende-se que ele descreve as casas da Lapa, construídas pela City: “A bola de borracha subia e descia no muro. Um menino veio. O que eu adoro nesses meninos são os cabelos despenteados. Chutei-lhe a bola, que ela corria para mim. Transpirava, botou a mão no ar agradecendo. –Legal. / Ele disparou, vermelho de sol.” (Antônio, 2020, p. 13). Constata-se que se trata sempre de uma descrição toda entrecortada, embora sequencial.

Nesse momento há uma ruptura temporal na narrativa, marcada por asterisco. Outra cena, diríamos, como no cinema. Trata-se de outra descrição, que se passa em outro tempo, em outro momento de sua vida, e de uma luta que saberemos depois que é de boxe. Vicente, o narrador, protagoniza essa luta que ele acaba perdendo. Novamente a enumeração de substantivos para descrever o que ele sente:

Golpe, dor, choque, sangue, escuridão, zoeira, lona. Cara na lona, eu jamais esqueceria! Doze disputas perdidas, tudo perdido. Escuridão, zoeira nos ouvidos, o barulho dos carros lá embaixo. Fossem para a casa do diabo. Não enxergava nada. Provavelmente a mão do juiz subia. E desceu todas as vezes. Eu não vi nada.” (Antônio, 2020, p. 13).

Novamente, ritmo bastante entrecortado, lembrando o poético, para a descrição da luta: enumeração, frases curtas fazendo o leitor sentir toda a movimentação que houve. Menção ao tempo dos acontecimentos narrados: “Quinze dias depois voltei aos treinos. Sem ânimo, a moral lá embaixo.” (Antônio, 2020, p. 13). A narrativa fala de Freitas, do treinador que, desde menino, tenta iludi-lo, mas que por fim o proíbe de continuar com o boxe porque ele tem problema no fígado. Vicente narra as lembranças rapidamente: “Não continuei. Deixei o ringue, larguei uma vontade que trazia desde moleque e que era tudo. Campo do Nacional, treinos à noite, o ótimo Freitas, a turma, campeonato amador... Minha vida sem aquilo acabaria.” (Antônio, 2020, p. 13). Mas ele decide se fazer operar, inutilmente: “Operado. Asneira. Tudo dando para trás – o campeonato amador chegou e me encontrou convalescendo. Quebradeira, recaída atrapalhada, meses de cama, uma despesa enorme. Eu me olhava no espelho e parecia estar diante de uma devastação. E depois ouvi dizer que não voltaria ao ringue.” (Antônio, 2020, p. 14). Bastante economia no relato, como sempre, também aqui preferência pela sequência nominal, mas desta vez referindo-se a acontecimentos, ações, sem recorrer ao uso de verbos. E mais um sonho que não se realiza, o de ser boxeador.

Tivemos, assim, em meio ao relato de suas deambulações pela cidade de São Paulo, uma quebra na estrutura temporal da narrativa para uma volta ao passado do narrador- protagonista, por meio de analepse, que deu a conhecer suas experiências com o boxe, graças ao recurso da memória. Mas essa quebra joga ainda com uma experimentação na criação literária a que se dedica o autor-narrador, penso que já podemos denominá-lo assim, pois se trata da tentativa de relato de experiências que ele está vivendo ou que estão sendo resgatadas por sua memória. Aqui, ele tenta uma técnica mais complexa em relação ao emprego do tempo, pois introduz uma avaliação que é posterior à experiência do boxe e anterior ao presente da narrativa: “Ah, no tempo de rapaz, quando no Nacional! Eu era outra pessoa. / Será que aquele médico percebeu o que estava dizendo?” (Antônio, 2020, p. 14).

Recomeça o movimento: “Andando tão devagar. *Procurava alguma coisa* na tarde. O vento esfriou. Não sabia bem *o quê*, era *um vazio* tremendo. *Mas estava procurando.*” Afinal ele fala abertamente de procura, isto é, de “busca”, aquela que encontramos no título. E compreendemos que algo lhe falta, que não percebeu ainda o que é.

Acredita que é nos espaços em que faz sua busca que encontrará algo talvez sobre si mesmo: os trabalhos que já realizou, as atividades que praticou, o relacionamento com as pessoas, o pai morto que ele quer imitar em seus passeios de fim de semana, talvez também a constatação de que o tempo está passando e ele já tem cabelos brancos. Parece que *essas coisas*, como ele diz, mostram que ele ainda não sabe bem o que de fato quer fazer. Mas, quando confessa que está procurando, ele vê:

Os ônibus passavam carregando gente que volta do cinema. Para essa gente de subúrbio mesquinho, semana brava suada nas filas, nas conduções cheias, difíceis, cinema à tarde, pelo domingo, é grande coisa. Viaja-se encolhido, apertado. Os ônibus se enchem.” (Antônio, 2020, p. 15).

Então, ele tece um comentário revelador: “– Essas vilas por aí são umas misérias” (Antônio, 2020, p. 15), no qual se posiciona novamente em relação à gente pobre dos bairros populares.

E ele volta para casa, retomando as reflexões sobre Lídia e sua mãe que estariam às voltas com costuras, receitas e Daniel, que iria dizer que ele vive no

mundo da lua. Vicente conclui em seus pensamentos: “Domingo chato, mole, balofo, parecia estar *gestando alguma coisa*. Uma ideia extravagante (seria isso?) - Preciso cortar à escovinha. Assim escondo os começos de cabelo branco...” (Antônio, 2020, p. 15). Como não atentar particularmente para o uso do verbo *gestar*, neste momento do conto? Depois de toda andança, das descrições, das lembranças evocadas a todo instante, da procura evidente a que se entrega, como não perceber que ele está entregue a algo, que está fazendo nascer *alguma coisa*, que está atento à criação de qualquer coisa que é nova, que dará sentido a tudo isso em volta dele?

Ao voltar, beijaria a mãe na testa, cumprimentaria Lídia que repetiria o jogo das indiretas, risinho, “*mas o vazio não passaria*. Comer alguma coisa, botar o paletó *Andar de novo*.” (Antônio, 2020, p. 15). Devemos pensar que a busca vai continuar, para encher o vazio? Mas o que seria esse vazio? Sua indagação, diante da vida aparentemente sem rumo certo que está vivendo? E que o leva, enfim, a uma ideia positiva: “Julguei muito necessário recomeçar os passeios a Santos, a Campinas. Eu e mamãe. Talvez as semanas começassem melhores, menos compridas. Segunda-feira não parecendo já o cansaço de quarta...” (Antônio, 2020, p. 16).

O dia vai acabando e Vicente acompanha o sol descendo, a lua ganhando tons de ocre, enorme, linda. É uma descrição mais detalhada, desta vez, diferente das outras, cheia de cores contrastantes, não muito precisas, pois é a hora do lusco-fusco: “Era a hora em que as coisas começavam a procurar cor para a noite” (Antônio, 2020, p. 16) conclui ele, fechando com uma prosa toda poética o conto e o relato do passeio. Percebemos aqui uma verdadeira descrição poética, pois ela não está aí para substituir o relato de uma ação, em que não encontramos verbos, mas construções nominais para indicar movimento, como ele fez constantemente no conto. É uma descrição que se aproxima do pictórico, quando a intenção é de cessar o desenvolvimento do conto para fixar-se no exterior. E João Antônio espanta o leitor com a carga poética que coloca em suas palavras.

Este verdadeiro conto poético, como acontece a muitos deles, tem forma circular, o que pode sugerir que tudo poderá continuar proximamente, pois o leitor fica pendente da busca de Vicente que nada revela. No final, o narrador acaba voltando a algo que apareceu lá no início do conto: “Lembrei-me de que precisava passar uma escova no tanque” [para tirar o começo de limo das paredes]. (Antônio, 2020, p. 11, 16). Ora, esta sujeira que ele precisaria limpar talvez remeta a essa

alguma coisa que está querendo identificar em torno de si e que está verdadeiramente procurando, em meio a passagens de sua biografia, nas quais possa identificar sua vocação, o desejo que quer realizar, o da criação literária que está nascendo com essas primeiras publicações de *Malagueta*. Trata-se da busca do escritor em seu período de formação, que põe em prática as técnicas que já mostra dominar, o jogo da escritura, das inovações de forma linguística, em busca de um estilo, que ele já está construindo.

Ao colocar em prática a leitura desse conto de João Antônio à luz desse gênero híbrido, a narrativa poética, logo vão ficando evidentes os elementos que a compõem. Nesse conto, reconhecemos que como já diz o título, o autor-narrador, pois é dele que se trata, insere sem esforço trechos de sua biografia no relato, como fará sempre João Antônio, posteriormente, em seus escritos futuros (narrativas, correspondência, escritos críticos, reflexões e mesmo textos jornalísticos), nos quais procura espontaneamente voltar a suas experiências de vida para falar do cotidiano dos homens em geral. A narrativa poética é um gênero literário que possibilita ao seu autor adentrar esse terreno, que permite circular, como já foi dito anteriormente, entre o lúcido e o lúdico, que é o verdadeiro campo de atuação do escritor.

O autor-narrador-protagonista, que com frequência são o mesmo, na narrativa poética, está em busca de sua identidade, segundo a definição do gênero. Nesse conto de João Antônio, que revela seu objetivo, é possível, auxiliado pelo fato de ele ser curto, identificar na busca de Vicente-João Antônio, seu desejo de aprender, conhecer, encontrar a arte de escrever, da criação literária. O seu leitor pode identificar desde o início, quando, em um domingo à tarde, “tão chato”, quando as “coisas ficam paradas” (impulso inicial dado pelo espaço), ele quer sair, andar, como repete com frequência durante o relato das andanças que vai empreender na tarde, ao “atravessar uma ponte”, de maneira, diríamos, simbólica. Ao longo desse passeio sem destino, no “domingo chato, mole, balofo”, ele caminha olhando em torno de si, seguindo ruas, atravessando jardins, encontrando pessoas, conhecendo e observando novos lugares, espaços, enquanto se entrega a pensamentos, lembranças que eles despertam, provocando a fusão do espaço interior e exterior, do tempo subjetivo e do tempo exterior à procura de “alguma coisa”, que ele não sabe o que é, mas que não deixa de procurar, envolto em “tristeza”, sentimento de estar “oco”, em “um vazio tremendo” (sem identidade?). Ele

não deixa de confessar que tem “ânsia de encontrar alguma coisa”, “que procura alguma coisa na tarde”, não sabe o quê, enquanto o domingo parece “estar gestando alguma coisa”. Ora, perguntamos, não podemos, afinal, reconhecer, em todos esses indícios que o narrador-protagonista vai apontando ao longo de seu relato, a revelação da busca de uma identidade pela qual tanto anseia, ou seja, pela condição de escritor, pelo nascimento nele do domínio da arte da escrita literária?

Afinal, ao narrar esse passeio simbólico, como não perceber que João Antônio já revela possuir o domínio da expressão literária, da ciência do uso da língua em sua função literária, tornando-se desde o início um escritor que conhece as necessidades de inovação na arte de criar, de comunicar a seus leitores sua visão de mundo em transformação evidente em que está vivendo? A importância que vai sempre atribuir aos procedimentos formais que desenvolve e emprega é responsável por fazer dele o grande escritor da literatura brasileira que conhecemos hoje, ao celebrar os sessenta anos de seu aparecimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Um escritor na República das Burundangas. *Jornal Movimento*, p. 26, 14 jul. 1975.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Editora 34, 2020.

BARBOSA, João Alexandre. João Antônio: a prosa de uma consciência. *O Estado de S.Paulo*, ano 16, n. 833, 24 ago.1996.

FERREZ. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir, 2005.

TADIÉ, J.-Y. *Le récit poétique*. Paris: PUF, 1978.

Guacira Marcondes Machado é Professor Livre-Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Araraquara. Mestre e Doutora em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Letras Românicas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara.

Como citar:

MACHADO, Guacira Marcondes. João Antônio – o escritor em formação em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 20, n. 1, jan./jun. 2024. Disponível em: pem.assis.unesp.br.